AS TEIAS DA LOUCURA: DA CONSTRUÇÃO DO ASILO DE ALIENADOS A CONSTRUÇÃO DO SANATÓRIO MEDUNA EM TERESINA

MÁRCIA CASTELO BRANCO SANTANA*

Este artigo faz parte de uma pesquisa desenvolvida a partir de um projeto de Iniciação Científica (PIBIC-UESPI) realizado entre 2009-2010. O trabalho objetivava pensar os discursos médicos psiquiátricos, que foram formulados durante a década de 1950, em relação aos doentes mentais e a loucura em Teresina e, portanto, que precisava de locais próprios para obtenção da cura da doença. A pesquisa focou esse período em virtude de ter como ponto central para o trabalho a inauguração, em abril de 1954, do segundo espaço construído para abrigar os doentes mentais em Teresina o Sanatório Meduna. No percurso do seu desenvolvimento houve uma intensa coleta de fontes não só no próprio Arquivo do Sanatório como nos outros espaços que foram elencados para a pesquisa como o Arquivo Público de Teresina e a Academia Piauiense de Letras. A partir das fontes coletas o projeto conseguiu aliar dois pontos básicos de um projeto que foi teoria e empiria.

Evidentemente as pesquisas evoluíram ganhando uma corporificação de tendências diversas com relação à temática. As fontes de pesquisas ampliaram-se e outras perguntas foram formuladas no sentido de lançar uma reavaliação aos objetos de pesquisa, ocasionando uma história relacionada a diversas temáticas como sexualidade, mulheres, negros, educação, loucura, etc (BURKE, 1992). Essa multiplicidade possibilita incidir sobre a história olhares diversos, o que nos permite especular em que condições históricas a loucura foi constituído alvo de intervenção de uma medicina especializada e como essa tessitura emerge no Piauí em diversos espaços, a ela restrito, bem como problematizar como foram sendo construídas falas que apontavam a construção do Sanatório Meduna como novo esse espaço para o tratamento da loucura no Piauí (WADI, 2002).

A bibliografia sobre a temática também nos confirmou que o tema sobre alienação não é algo novo. Muitos estudiosos como Focault (1979) e Castel (1978) na

* Professora Assistente I da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Mestra em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí, Pesquisa Financiada pelo PIBIq-UESPI.

década de 1960 já tinham uma produção largamente divulgada e discutida. No Brasil temos como referências nomes de Maria Clementina Pereira Cunha (1986) e Magali Gouveia Engel (2011) que deram uma enorme contribuição a temática ao debruçarem seus estudos sobre a loucura em São Paulo e no Rio de Janeiro. Além dessas estudiosas percebemos que há um largo material que desdobram suas análises a partir da tentativa de compreensão de como a loucura pode ser pensada histórica e socialmente.

Partindo desse contexto, a presente proposta justifica-se, inicialmente, por ser um estudo que contemplou, a partir das análises das fontes, uma discussão sobre os temas que eram mais destacados pelos especialistas na construção da loucura como uma doença mental e que, portanto, precisava da intervenção da medicina. Outro ponto que o trabalho realçou foram as estratégias normatizadoras constituídas naquele momento como forma de controle dos indivíduos que eram capturados pela doença mental (MACHADO E COLABORADORES, 1978).

Ao manusearmos as fontes de pesquisas os questionamentos iniciais desse trabalho ampliaram-se no sentido de pensarmos como o espaço do Sanatório Meduna foi descrito pela impressa na época de sua inauguração, bem como qual era a principal defesa constituída pela sociedade e pelo seu idealizador para construção do espaço próprio para o tratamento da loucura em Teresina e que fugia ao modelo do Asilo de Alienados tanto para homens como para mulheres.

Na época de sua inauguração o Sanatório foi caracterizado como um hospital de características inovadoras tanto no que concerne a sua estrutura física como em relação a sua proposta de tratamento dos doentes mentais, o que nos permitiu problematizar que falas foram projetadas nessa instituição e na sociedade da época com relação as pessoas que apresentavam comportamentos desviantes e como vai se forjando a relação entre as política de controle social e a psiquiatria na sociedade teresinense da década de 1950.

É pertinente pensamos que a loucura enquanto alvo de medicalização e ação de psiquiatras teve seus caminhos construídos por nomes como Pinel e Esquirol entre outros na Europa e que vão exercer grandes influências nos alienistas brasileiros (ENGEL, 2001). Esse contexto se fortificou a partir do século XIX com a fundação de dois atos importantes durante esse período: a criação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 1830 e por deterinação de D. Pedro II o primeiro

hospício no Rio de Janeiro[1]. A partir dessas ações tivemos as primeiras manifestações em relação à criação de instituição e de toda uma trama que objetiva a intervenção de saber especializado para a loucura (MACHADO E COLABORADORES, 1978).

Assim, percebemos desde aquele período a formação de uma preocupação com os ditos loucos, principalmente, no que concernem aqueles que ficavam vagando nas ruas ou eram atendidos pelas Santas Casas de Misericórdia. Isso por que em qualquer um dos ambientes a fala constante foi que estes não recebiam um tratamento adequado. O primeiro em virtude de que ao vagar pelas ruas além de não receberem a devida atenção era preciso isolar para que não fosse uma ameaça e precisavam ser alimentados e tratados, ou seja, exigiam uma vigilância constante que só era possível de ser realizada nos hospícios (OLIVEIRA, 2007).

Em relação ao que se encontravam na Santa Casa a fala mais pertinente relacionava-se principalmente a questão dos que viviam enclausurados em poucos espaços que eram oferecidos por tais locais. As diversas Santas Casas de Misericórdias, desde a sua criação, não tinham como objetivo tratar especificamente desse tipo de pessoas, mas funcionavam como um hospital geral e muitas vezes espaço com fins caritativos. O que temos a partir de, então, foi a constituição entre alienista, provedores das Santas Casas e a sociedade de uma forma geral a defesa de um discurso que primava por retirada dos loucos desses espaços inadequados e com ausência absoluta de uma terapêutica psiquiátrica para os ditos loucos (WADI, 2002).

Alegando a argumentação de que não as Santas Casas não possuíam enfermarias próprias para os abrigos dos loucos existia fortemente outra justificativa para criação dos hospícios que era a questão do tratamento moral, tendo em vista que para muitos alienistas a causa da loucura estaria associada a perturbação moral e sentimental deste. Conjunto de fatores que Machado e colaboradores destacam da seguinte forma:

> *[...] muitos dos meios do tratamento físico faltam ou são impossíveis; não há divisão para as diversas espécies de loucura; também não há banhos, jardins para passeio, regime especial e regimento próprio. Finalmente, não há médico especialista e os enfermeiros não têm qualificação alguma, além de estarem sempre em rodízio pelo hospital. (MACHADO E COLABORADORES, 1978: 378).*

[1] O hospício de Pedro II, inaugurado em 1852, foi a primeira instituição brasileira especialmente criada para internação dos alienados. Seguia a idéia de que seria um espaço limpo, arejado e amplo tanto para a cura dos loucos como serviria para atuação exclusiva do saber e da prática alienista (ENGEL, 2001)

Percebe-se que houve uma forte argumentação no sentido de instituir um sistema hospitalar com um caráter bem especializado que passava tanto pela organização arquitetônica do mesmo como por quem deveria cuidar do doente. Se a Santa Casa não tinha o espaço digno desse doente o mesmo poderia apontar para os médicos e demais profissionais que atuavam nos hospitais Gerais, pois não tinham formação em psiquiatria para estarem atuando na medicalização da loucura. Naquele contexto, tanto o saber do alienista passou a ter um destaque como a também a doença poderia encontrar sua cura nesse espaço especializado para o seu tratamento. Psiquiatra e hospício passariam a ser as ferramentas principais na inovação do tratamento da loucura, pois o médico alienista exerceria com mais eficácia um controle vigilante sobre doente na medida em que no hospício ele aplicaria seu saber especializado e dentro dos procedimentos ventilados pela ciência, assim como o próprio espaço atuaria na cura do doente (MACHADO E COLABORADORES, 1978; ENGEL, 2001).

Machado e colaboradores (1978) destacam que esses elementos somam-se para marcar a inauguração de um movimento que levou a separação do Hospício da Santa Casa e mesmo a fundação dos asilos, movimento esse sentido em várias províncias, principalmente na segunda metade do século XIX, quando foi veemente a inauguração dos asilos de alienados no cenário das províncias brasileira, de uma disciplina específica nas faculdades de Medicinas do Rio de Janeiro e da Bahia, da multiplicação e divulgação desses saberes pelas teses defendidas em tais instituições e pela autoridade que os médicos psiquiátricos passaram a exercer sobre o doente, destacando aqui o poder que psiquiatras ganharam a partir daquele momento.

Como figura central o psiquiatra passou a ser reconhecido como único capaz de e diagnosticar a doença, portanto atuando em diferentes condições para medicalizar a loucura. Como ainda era reduzido o número desses profissionais nos asilos tínhamos a atuação do psiquiatra em papéis e atividades as mais variadas como apresenta Oliveira: “O alienista atuava em campos diversos e exercendo atividades, indissociavelmente, médico, administrador e de direção. No hospital especializado para os loucos, ele era perito, médico, administrador, político e pedagogo [...]”. (OLIVEIRA, 2007: 4).

Situação essa que não se encontrava muito distante a psiquiatria no Piauí. Assim como nas demais províncias do Brasil, os loucos no Piauí ou ficavam vagando pelas ruas ou eram tratados em casa em um quarto construído na casa para isolá-lo

quando tinham atitudes mais violentas. Geralmente, quem possuía esse tipo de espaço eram as famílias mais abastadas e seu uso foi mais freqüente em Oeiras[2]. Devemos ressaltar que o hospital de Caridade só foi concluído na cidade em 1849 e em 1852 a sede da província é transferida para Teresina, sendo que a partir de então a luta vai ser por instalar o hospital de Caridade na nova capital, o que se deu em 1854 e o de Oeiras passou a funcionar apenas como uma enfermaria. Eram, portanto, esses os espaços que contavam os doentes mentais para o tratamento até o final do século XIX em todo o Piauí.

No mesmo sentindo que víamos um movimento, em todo o território brasileiro na segunda metade do século XIX para construção de um lugar próprio para abrigar os loucos, na Piauí essa mobilização se dar mais fortemente no início do século XX. A Santa Casa de Misericórdia de Teresina não possuía recursos suficientes para manter todos os seus assistidos de forma digna, pois era uma instituição que vivia das verbas do estado e de caridades. Tal expediente fazia da Santa Casa um local que sempre estava em situação financeira difícil e a depender dos parcos recursos enviados pelo Estado como é possível observar na fala do governador Arlindo Nogueira, em 1902, apresentada a Câmara Legislativa:

> *Cabe-me aqui consignar ligeira referência aos dois hospitais de existentes no Estado- o da Santa Casa de Misericórdia desta Capital e o de Parnahyba. Estabelecimento paupérrimos vivendo quase á expensas do Estado e das respectivas municipalidades prestam eles contudo, relevantes serviços à pobreza desvalida (PIAUÍ, 1902).*

Essa condição da Santa Casa criou um quadro fortíssimo para seus provedores e autoridades do Estado começar a reivindicar um lugar próprio que fosse apenas para os chamados alienados, na medida em que os espaços da Santa Casa não podiam cuidar com os desvelos necessários a massa de loucos que se dirigem para esse estabelecimento que em sua maioria eram mandados para casa de Detenção. Em um ou

[2] Como o processo de ocupação e colonização do interior do Nordeste ocorreu com maior intensidade pela pecuária de extensão a primeira capital da província do Piauí foi estabelecida pela primeira vez na região mais ao sul do que hoje é o Estado do Piauí. A dificuldade econômica apresentadas na atividade pecuarista levou o então presidente da província, José Antônio Saraiva, a cogitar na mudança da capital para outra região com o objetivo de facilitar as negociações econômicas piauienses. Após vários debates e propostas de políticos e da elite piauiense o presidente da província resolveu transferir a capital para um local ao norte do território piauiense e próximo as margens do rio Parnaíba. Esse ato ocorreu em 1852 e nova capital passou a ser Teresina (CHAVES, 1998).

outro local o que se presenciava era uma mistura dos loucos com os demais indivíduos o que para muitos gerava não só uma promiscuidade com os criminosos, mas era um verdadeiro ato de barbárie por doentes com criminosos como relata Arlindo Nogueira em 1904;

> *Penso que outras obras devem ser feitas nesta capital, para que cumpre armardes o governo dos recursos indispensáveis a sua execução. [...]. Julgo também conveniente que auctorizeis os serviços do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, de forma a poder installar ao mesmo uma secção para os alienados, pois que a promiscuidade com os criminosos de toda espécie como sucedia era um facto que nos cobria de verdadeira tristeza. (PIAUÍ, 1904).*

Idéia reforçada dois anos mais tarde na mensagem do governador Francisco Osório ao enfatizar a questão das verbas e o local escolhido para construção do asilo.

> *Desde alguns anos vai se accentuando entre nós a necessidade de um estabelecimento próprio para agasalho e tratamento dos enfermos de alienação mental. Par acudir a esse desideratum uma comissão de médicos piauhyenses chamou a si a incumbencia philantropica de angariar por uma subscrição popular os meios de levá-lo a efeito, sendo escolhido para o seu local o próprio estadual-Pirajá (PIAUÍ, 1906).*

Mesmo após a determinação e construção do asilo em 1907, ainda era visível as dificuldades que passavam os doentes mentais no Piauí, pois ao longo da década de 1910 e 1920 os governos deixam claro que apesar dos doentes mentais ganharam um local, este sempre estava carecendo de enfermarias, de salas de banhos para o tratamento hidroterápico, reparos ou construções de novos pavilhões que pudessem abrigar o seu número crescente de internos (PIAUÍ, 1910).

Ou seja, findo quase duas décadas da instalação de um prédio próprio para a medicalização da loucura no Piauí os reclames, dos que eram responsáveis pelo tratamento, ainda eram muitos próximos, pois a assim como em 1910 o governador Antonino Freire ressaltava o que não tinha no Asilo de Alienados e que era preciso construir para se tirar a impressão penosa que se tinha do hospício, em 1928 também iremos encontrar entre a fala do governador de então, Mathias Olympio de Melo, algo muito parecido: O Asylo de Alienados consta apenas de um prédio para reter loucos sem qualquer coisa que se pareça com um estabelecimento aos fins a que elle é destinado (PIAUÍ, 1928).

É notória também nas falas dos governadores a ausência de um número considerável de médico para atuar no hospício, bem como de pessoas para lidar com os doentes que dependiam em sua maioria apenas da ação de um médico, um enfermeiro e algumas irmãs de caridade que realizavam as atividades tanto na Santa Casa como no Asilo, daí por que a partir de 1922 começaram a construção de um pavimento em que foram feitas compartimentos para os doentes chamados de "casas fortes"(PIAUÍ, 1922).

No processo de configuração de instalação de um local para abrigar os loucos observamos que este foi realizado a partir do pressuposto que a medicina psiquiátrica colocava a construção de que o espaço asilar era fundamental na cura do doente o que casava com a idéia de racionalização da loucura presente no Brasil desde o século XIX (MACHADO E COLABORADORES, 1978; ENGEL, 2001, WADI, 2002). No mesmo sentido, podemos pensar tais falas quando da construção do Santório Meduna.

Pelas mensagens percebemos um apelo veemente de algumas autoridades da necessidade de construção de um asilo desde o final do século XX para os ditos alienados e essa fala sendo reforça com a inauguração do Sanatório Meduna como mais uma instituição que veio atender os anseios de uma sociedade que já não podia ficar apenas com um espaço que atendia precariamente seus doentes mentais.

Para compreendermos o contexto político e social no qual foi idealizado o novo espaço de tratamento da loucura na cidade de Teresina foi fundamental pensarmos como foi amplamente divulgado na imprensa a inauguração desse espaço e como as os escritos ressaltavam como a obra foi um marco divisor na psiquiatria piauiense na década de 1950. Nesse ponto, as Mensagens governamentais e os artigos presentes nos jornais consultados que versavam sobre a inauguração do Sanatório Meduna foram "sinais" para questionarmos uma realidade que não deixava ver no seu todo, pois como aborda Ginzburg "se a realidade é opaca existem zonas privilegiadas –sinais, indícios- que permitem decifrá-la" (GINZBURG, 1989: 177) nos levando a querer compreender como o tema loucura passou a ser preocupação dos teresinenses.

Como vimos no primeiro momento do artigo a intervenção da loucura por parte de autoridades e da medicina só teve suas primeiras manifestações no Piauí no final do século XIX, bem como ausência de um saber especializado psiquiátrico marcaria quase toda a primeira metade do século XX no Piauí, tendo em vista que o primeiro psiquiatra foi Clidenor de Freitas Santos que assumiu a direção do Asilo em 1940. Ou seja, pela

primeira vez o hospício sofreria a intervenção do conhecimento de alguém especializado, pois foi o primeiro piauiense formado na área (CASTELO BRANCO, 1980).

Além desse fato era notório que outras ações no que concerne a saúde foram realizadas no sentido de melhorar o quadro de atraso em que se encontrava não só o Asilo como outros setores da saúde pública. Para as reformas do Asilo o psiquiatra mandou retirar os doentes internado no hospício das pequenas celas (casas fortes) em que se encontravam presos e muitas vezes amarrados a correntes. Logo em seguida contou com a instalação, pelo Serviço Nacional de Doenças Mentais, do primeiro Ambulatório Psiquiátrico do Estado. Ações que evidenciava um atendimento diferenciado no que até então realizado aos doentes (CASTELO BRANCO, 1980: 57).

Dez anos depois e após tão notórias atitudes o cenário da psiquiatria piauiense teria um novo sopro no que concerne o pensar a loucura. Para muitos, em uma atitude arrojada, foi construído o segundo espaço próprio e bem mais adequado para o tratamento da doença. Em muitas falas do momento era ovacionado não apenas a atitude do psiquiatra, mas a atitude de se criar um espaço com todas as condições médicas e arquitetônicas que o tratamento psiquiátrico no estado há muito tempo necessitava. Era assim que o hospital se apresentava para os que deles viessem a precisar, como é possível ver em uma das propagandas do novo hospital:

FOTO 1. PROPAGANDA DO SANATÓRIO MEDUNA

FONTE: Jornal *O Dia*, Teresina 20/06/1954

São perceptíveis na imagem alguns pontos para a questão de uma renovação no tratamento. Em um primeiro plano chama a atenção o conjunto arquitetônico do prédio. A vista área do mesmo já insinuava para o observador que o Sanatório era composto por

amplos espaços e largos corredores, retirando a idéia de "prisões" associadas aos asilos. Nas chamadas da propaganda é reforçada a questão de que o hospital conjugava-se com o novo método especializado no trato da doença mental no que concerne a terapêutica na medida em que se oferecia ao paciente como "Clinica de repouso-cura hidromineral". E o mais importante uma medicina interna que dava a certeza da cura.

Ao se desenhar como um "modelar estabelecimento construído e montado para o tratamento de doenças mentais" o Sanatório trouxe a tona a discussão que já se fazia presente no século XIX que era a questão de os hospitais para cura da loucura deveriam ter como primeiro ponto o ambiente. O Sanatório quando idealizado pelo psiquiatra em plena década de 1950 não fugiria a esse ponto. E nesse momento o estado ganharia pela primeira vez realmente o espaço nos moldes do que pregava já a psiquiatria do final do século XIX. Talvez daí a várias falas positivas que foram constantes na imprensa na época da inauguração do Meduna.

> *Um fato de magna significação para a história piauiense ocorrerá a 21 do corrente com a inauguração do Sanatório Meduna - realização ciclópica que o ilustre médico piauiense Dr. Clidenor de Freitas Santos idealizou e construiu nesta cidade, para os doentes mentais do Nordeste [...] (SANATÓRIO MEDUNA, O Dia, 04/04/1954, p. 6).*

De acordo com as publicações o hospital representava a monumental ação que a muito o tratamento da loucura no Piauí estava a reivindicar, oportunidade que para muitos só poderia ter sido possibilitada pelo psiquiatra que desde a década de 1940 já lutava por tal ação e que teve o senso de realizar na medida em que o governo não o fez. Por tal atitude e por traduzir os anseios da população é que no dia da inauguração a festividade contou não só com as autoridades como representantes do governador, ministros e outras forças políticas como atraiu a população de uma forma geral que se aglutinava na frente do hospital.

No processo de configuração de um novo espaço de tratamento para a loucura no Piauí a construção do Sanatório aparece justamente dentro dessa proposta e como tal a população queria conferir isso de perto, ter a certeza que o hospital representaria toda essa tradução dos novos procedimentos do pensar e curar a doença. O Sanatório significaria na paisagem de Teresina a circulação de uma psiquiatria e de um saber médico que a muito era propagado, mas não concretizado para o tratamento dos doentes mentais. Nesse sentido, é que João Ferry expõe a partir dos seguintes versos o quanto o

novo hospital para cura da loucura foi em busca da ciência e do progresso e trouxe a luz(sol) para aqueles que viviam nos "tormentos" na única instituição psiquiátrica que existia, o Asilo de Alienados Areolino de Abreu.

SANATÓRIO MEDUNA

Meduna. Sanatório. Piauí.
Progresso que na terra levanta,
Em honra da ciência que abrilhanta
Um povo que sereno vive aqui.

É um novo sol que surge e nos encanta
Para extinguir tormentos que já vi,
Favo de amor numa cruzada santa
Vitorioso como eu já vi. (FERRY, 1954: 06).

Significações que redefinem a noção de loucura, seu tratamento e mesmo a simbologia que vai ser recriada em torno desse tipo de instituição quando se associava a luta imensurável do seu idealizador (o psiquiatra Clidenor de Freitas) e de muitos outros sujeitos que tinham realizado essa trajetória no início do século XX só que associada ao Asilo de Alienados.

As fichas de internação foi outra documentação que nos deixou a perceber como o Sanatório passou a ser uma referência importante no tratamento da loucura não só para muito piauienses como para outras regiões que já possuíam uma ligação forte com a medicina piauiense, fato que já tinha sido ventilada em uma dos vários artigos publicados na imprensa e que as fichas coletadas da década de 1950 no arquivo do Sanatório vieram a confirmar. Assim, a fala do médico maranhense, Olavo Correia Lima, relativa a esse contexto traduz essa ligação.

> *Embora tenhamos em São Luiz uma Colônia psiquiátrica, o MEDUNA, vai prestar relevantes serviços ao psicopata maranhense. Como disse acima, tive a fortuna de trabalhar alguns anos como pediatra, em Teresina e constatei com os meus colegas de lá, o forte contingente de doentes maranhenses que procuravam os serviços médicos de Floriano, Teresina e Parnaíba [...] (LIMA, 1954:13*).

A maior parte das ficham confirmam essa fala, pois em relação a procedência dos internos verificamos que os doentes que provinham de outros estados eram do Maranhão em primeiro lugar e em segundo do Ceará. Desse modo, o cruzamento desses

dados presente na documentação são como teias que nos permitiram pensar como a loucura foi tornando-se alvo de preocupação dos piauienses e seus espaços de controle e cura dessa doença passaram a ser gestados no Estado entre o início 1907, quando o primeiro Asilo de Alienados foi criado, até 1954, quando um ideal de hospital psiquiátrico foi inaugurado na cidade com o Sanatório Meduna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história*: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

CASTELO BRANCO, Anfrísio Neto L. Assistência psiquiátrica no Estado do Piauí. In: *Revista Da Universidade Federal do Piauí*. Teresina: Gráfica da UFPI, v. I, jan/fev/mar, 1980.

CASTEL, Robert. A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

CHAVES, Monsenhor. Obra completa. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

ENGEL, Magali Gouveia. *Os delírios da razão*: médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

FERRY, João. Sanatório Meduna. *O Dia*, Teresina, Ano IV, n. 171, p. 06, 25 abr. 1954.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*: morfologia e história. Trad. Frederico Carott. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

INAUGURAÇÃO do Sanatório. *O Dia*, Teresina, Ano IV, n. 172, p. 04, 02 maio, 1954.

LIMA, Olavo Carneiro. Pinel Piauiense. *O Dia*, Teresina, Ano IV, n. 178, p. 07, 13 jun. 1954.

MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma*: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

OLIVEIRA, Claudia Freitas. O lugar de alienação no Ceará em fins do século XIX. *3º Encontro Cultura e Memória*. História: cultura e sentimento. Recife/Pe: Nov, 2007. 1 CD-ROM.

PIAUÍ. (Ferreira). *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado do Piauí pelo governador João Luiz Ferreira, em 01 de junho de 1922*. Teresina: Imprensa Oficial, 1922.

PIAUÍ. (Melo). *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Mathias Olympio de Melo, em 01 de junho de 1928*. Teresina: imprensa Oficial, 1928.

PIAUÍ. (Mendes). *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado do Piauí pelo governador Álvaro de Assis Osório Mendes, em 01 de junho de 1910*. Teresina: Imprensa Oficial, 1910.

PIAUÍ. (Nogueira). *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 01 de junho de 1902.* Teresina: Imprensa Oficial, 1902.

PIAUÍ. (Nogueira). *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado pelo governador Arlindo Francisco Nogueira, em 01 de junho de 1906*. Teresina: Imprensa Oficial, 1906

PIAUÍ. (Silva). *Mensagem apresentada a Assembléia Legislativa do Estado pelo governador a Antonino Freire da Silva, em 01 de junho de 1910.* Teresina: Imprensa Oficial, 1910.
SANTÓRIO MEDUNA. *O Dia*, Teresina, Ano I, n. 168, p. 06, 04 abr. 1954.

SANATÓRIO MEDUNA. *O Dia*, Teresina, Ano IV, n. 179, p. 07, 20 jun. 1954.

WADI, Marmitt Yonissa. *Palácio para guardar doidos*: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 2002.